



TEORIA DA ATIVIDADE EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA EJA - DIÁLOGOS POSSÍVEIS

**Sônia Vieira de Souza Bispo¹; Naiara de Oliveira Rosa²; Maria da Conceição
Alves Ferreira³**

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA. Professora das Secretarias Municipais de Educação de Iraquara-BA e Souto Soares-BA. Membro do grupo de pesquisa: Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional - UNEB e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional – UNICAMP. E-mail: Sany-na@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. Membro do Grupo de Pesquisa: Formação autobiográfica e políticas públicas em EJA. E-mail: nairosa18@gmail.com

³ Doutora em educação pela UFRN/RN/Natal, Prof^a Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) com atuação no curso de Pedagogia e no MPEJA. Membro do curso de pesquisa: Educação Literária Afrodescendente. E-mail: consinha@terra.com.br

**EIXO TEMÁTICO 3: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E AS DIFERENTES
LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma reflexão acerca da teoria da atividade desenvolvida pelo teórico Alexei Nikolaevich Leontiev e sua aplicabilidade na Educação de Jovens e Adultos. Apresenta-se como um recurso metodológico de grande importância, para o planejamento de estratégias de ensino, pois, possibilita uma análise do conteúdo da atividade da aprendizagem no processo de escolarização na formação humana, no contexto da diversidade e sua inserção no currículo da EJA. Este estudo demonstrou que a teoria da atividade permite um maior entendimento que contemple os processos de assimilação de conceitos científicos no contexto escolar, em uma perspectiva que integra, de forma dialética, concepções para formação do sujeito.

Palavras chaves: EJA; Teoria da Atividade; Diversidade; Formação Humana



INTRODUÇÃO

No processo de desenvolvimento da aprendizagem, a atividade é resultado de todas as influências sociais e é um processo essencial na formação da personalidade. O ensino, como processo de organização da atividade cognitiva, em estreito vínculo com a atividade de comunicação (processo de socialização) e com a atividade valorativa (formação de valores) permite o desenvolvimento da personalidade dos sujeitos.

Considerando, a aprendizagem, a partir dos aspectos da Teoria da Atividade, esta pesquisa busca investigar, como essa Teoria se relaciona com a Educação de Jovens e Adultos no teor da diversidade na formação humana e qual a sua aplicabilidade em sala de aula?

O objetivo é apresentar a relação dialética entre a Teoria da Atividade, diversidade e a Educação de Jovens e Adultos. Julgando, que um dos problemas enfrentados pela EJA dentre outros, tem sido a convergência, dominante de propostas curriculares fragmentadas direcionadas apenas a perspectiva cientificista, excessivamente tecnicista e disciplinista que dificulta o estabelecimento de diálogos entre as experiências vividas, os saberes anteriormente tecidos pelos educandos e os conteúdos escolares. De tal modo, Miguel Arroyo (2007) e Paulo Freire (2005) defendem a ideia de que na EJA temos que partir dos saberes dos educandos e de suas vivências, no processo de ensino-aprendizagem. Essa estruturação permite ao aluno, assumir uma atividade consciente de autorregulação, típica de estratégias metacognitivas da aprendizagem.

A aprendizagem se dá por meio de associações e de todas as influências sociais que são essenciais na formação da personalidade do sujeito, por isso, não pode ser analisado fora da consciência. O sujeito aprendente, precisa ter consciência do que está realizando, a atividade que está desenvolvendo, para que tenha uma aprendizagem significativa. Segundo Talízina (1985) é possível que muitas vezes, o aluno desenvolva atividades em que não desperta a consciência e seja apenas uma atividade. Sendo considerada uma atividade quando aprende para “saber”, ou seja, quando a atividade satisfaz as necessidades cognoscitivas do aprendente. E isso se concerne quando há problematizações em sala de aula mediado por encontros dialógicos.

A elaboração da proposição didática desta pesquisa visa discutir e problematizar a conexão da Teoria da Atividade na EJA, no sentido de ressaltar o contexto da diversidade na



pluralidade do sujeito, em uma aprendizagem significativa, como aquela em que o sujeito realiza a atividade com consciência, partindo sempre dos saberes e de suas vivências, para que estabeleça relação com a atividade proposta e transforme-se, transformando também o objeto de estudo. Utilizamos o conceito de diversidade por entender a abertura de espaço, dispondo de liberdade para identificar elementos implícitos nas ações e relações estabelecidas e vividas pelos sujeitos e a Teoria.

2. Procedimentos dialógicos na Teoria da Atividade

Na busca por possibilitar um processo de relação entre a dialogicidade na EJA à Teoria estudada, desenvolvemos oficinas pedagógicas que visam discutir temáticas de interesse dos sujeitos por meio do diálogo na construção do conhecimento. No contexto da formação humana, com atividade de aprendizagem, que façam sentido a vivência de cada educando na EJA, uma vez que, conforme a Teoria de Leontiev (1989) é o aluno quem realiza as ações, para alcançar determinadas transformações em sua personalidade.

É pertinente ressaltar que a todo o momento no decorrer deste trabalho, voltamos às concepções Freirianas, que dão ênfase a problematização do conteúdo aos educandos, de maneira que o educador também o problematiza para si. Freire (2005) argumenta que é impossível questionar algo a alguém e permanecer como espectador, sem comprometer-se com o seu processo. Isto porque cada passo que um dos sujeitos envolvidos na problematização dá, no sentido de adentrar-se no objeto, vai abrindo novos caminhos, através dos quais os outros sujeitos são desafiados a aprofundar as suas análises.

Tais considerações levam a refletir, a necessidade de empoderar práticas educativas em Educação de Jovens e Adultos que seja comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitem intervir na realidade para transformá-las. Associar a Teoria da Atividade proposta por Leontiev na EJA é se permitir enquanto profissionais da educação não só entender os impulsos manifestados no comportamento dos aprendizes da EJA, como também provocar o surgimento de desejos pessoais e sociais relacionados com o trabalho, a vida social, o conhecimento da natureza, entre outras atividades.



Assim, selecionamos para composição deste estudo uma turma de EJA, baseadas em três fatores relevantes: por ter conhecimento prévio do local, pelo perfil do público alvo; e finalmente pela necessidade explicitada pela equipe gestora em desenvolver este tipo de trabalho.

O estudo realizado na cidade de Souto Soares – Bahia, em uma escola municipal do campo, com alunos do noturno, entre os meses de fevereiro a maio do ano de 2016, por meio de atividades pedagógicas, pautadas em construções e problematização da diversidade na formação humana, considerado por nós pesquisadoras e pela equipe gestora da escola, num primeiro contato que tivemos, como uma necessidade para atender algumas especificidades dos sujeitos que compõe a turma.

No transcorrer deste trabalho, buscamos o respaldo numa metodologia de inspiração Freireana, onde o diálogo precede o encontro interativo entre as pesquisadoras, educadoras e educandos. Segundo Freire (2005), a dialogicidade tem início quando o educador se pergunta em torno do que vai dialogar com os educandos, quando o educador tentará conhecer o universo temático dos alunos, que é dado por um conjunto de temas geradores. Assim, assumimos a sustentação de uma abordagem de natureza qualitativa, principalmente porque ela tem como foco a interpretação dos fenômenos sociais – suas motivações, suas representações e seus valores.

As discussões emergem a partir das ¹falas sustentadas, de 16 alunos (as) da turma que se dispusera a participar da pesquisa, produzidas por meio de oficina pedagógica com atividades desenvolvidas, correlatas a sistematização da diversidade presente na formação do sujeito, utilizando de sessão dialógica a qual Freire (2005) ressalta que o diálogo pode possibilitar a inserção lúcida na realidade, na situação histórica, que deve levar à crítica da situação e ao ímpeto de transformá-la.

Para o desenvolvimento do trabalho articulamos temas que deverão compor as oficinas pedagógicas que, surgiram como tentativa de atender às demandas percebidas, aplicando a Teoria da Atividade em posicionamentos de ideias e concepções, objetivando o caráter dialógico do próprio planejamento. Desse modo, segue a sistematização dos temas propostos trabalhados em coletividade com os sujeitos da EJA.

¹ Para preservar o anonimato dos participantes as falas estão caracterizadas por nomes fictícios.



Quadro 1- Resumo dos temas propostos para as Oficinas pedagógicas

Temas das Oficinas didáticas decorrentes de ações colaborativas com os/as partícipes	Questões e pontos para discussão dialógica em coletividade com os/as partícipes
Oficina pedagógica 1 - Saberes e experiências: Diversidade na EJA	<ol style="list-style-type: none">1. Conceito de Diversidade;2. Diferentes saberes e vivências;3. Currículo para a diversidade na EJA4. Relações de poder;
Oficina pedagógica 2 – Saberes e experiências: Diversidade na formação humana	<ol style="list-style-type: none">1. As diferentes culturas na formação humana2. A necessidade de aprender;3. Diálogo aberto e construtivo sobre as: atitudes e valores formados;
Oficina pedagógica 3 – Saberes e experiências: As necessidades de aprendizagem de jovens e adultos, especificidades e a relação com a Teoria da Aprendizagem	<ol style="list-style-type: none">1. Conceito de aprendizagem e especificidade na EJA (a partir da Teoria da Atividade);2. Os motivos que levam o sujeito à execução da ação;3. Os diferentes sentidos pessoais que a aprendizagem tem para o aluno;4. Quais são as diferenças que a sociedade impõe entre homens e mulheres? Como essas diferenças afetam a vida dos sujeitos?
Oficina pedagógica 4 – Avaliação das Oficinas - Sistematização dos registros que os partícipes colaborativamente considerarem mais pertinentes, para compor a proposta de trabalho.	<ol style="list-style-type: none">1. Você considerou este trabalho importante? Por quê?2. Acha que esta temática diversidade e formação humana deveriam ser discutidas na escola em aulas de EJA? Por quê?3. Este trabalho foi significativo para sua formação? Por quê?4. Sinalize o que você mais gostou e o que mais te marcou nestes encontros pedagógicos.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

3. A APRENDIZAGEM DOS SUJEITOS DA EJA: DIVERSIDADE E FORMAÇÃO HUMANA NA TEORIA DA ATIVIDADE

Ao assumir o papel desafiante de pesquisadoras da EJA, estamos ancoradas com sujeitos de uma imensa dinâmica social e cultural que se desenvolve em sua longa trajetória de lutas, tensões, organizações práticas e movimentos sociais. Os propósitos em ousar investigar e trabalhar com e para a EJA, estão amparados por uma responsabilidade social, política e acadêmica de compreender, interpretar, descrever, refletir e analisar as trajetórias,



história de vida, saberes, ensinamentos e conhecimentos produzidos pelos sujeitos da EJA, colaborativamente.

Nesta pesquisa, compartilhamos o estudo da Teoria da Atividade de Leontiev e suas concepções, voltadas para uma política de diversidade e formação humana na EJA, na busca por compreender um currículo que assegure a pluralidade do sujeito. Compreendemos o conceito de diversidade, conforme o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2008), como “diferença, dessemelhança; dissimilitude; caráter do que, por determinado aspectos, não se identifica com algum outro”, defendemos que, em sua amplitude, a diversidade deve ser entendida como uma construção histórica, cultural, social e econômica das diferenças.

Arroyo (2007) complementa essa questão salientando que “a abertura à diversidade tem sido um traço da história da EJA. Diversidade de educandos: adolescentes, jovens, adultos em várias idades; diversidade de níveis de escolarização, de trajetórias escolares e, sobretudo, de trajetórias humanas”. Assim, articular diversidade e Educação de Jovens e Adultos é a junção do conceito de pluralidade na formação humana, vinculado ao multiculturalismo demarcado nesta modalidade de ensino.

Desse modo, a escola deve procurar organizar no seu Projeto Político Pedagógico, na intenção de desenvolver o currículo de forma integrada, de maneira que os conteúdos sejam abordados por temas nas diversas disciplinas, as quais por sua vez, mantêm-se articuladas com a intenção de que o conhecimento construído pelos sujeitos venha a ajudá-los na análise, interpretação, compreensão e problematização dos fatos e dos fenômenos da realidade complexa em que vivem nos dias atuais.

Neste contexto, o currículo insere-se na formação de identidades abertas à pluralidade cultural, numa perspectiva de educação para a cidadania, paz, ética nas relações interpessoais e a crítica às desigualdades sociais e culturais.

Para dar conta da formação humana, a escola precisa estar comprometida em propiciar, através de diversas linguagens, a construção do saber, do conhecimento, preparando o educando para a transformação do mundo. Pela convivência com as diversas manifestações culturais, impregnadas de crenças, costumes e valores, espera-se que cada indivíduo passe a reconhecer e respeitar o direito do outro à diversidade.



É necessário que o educador reconheça que a escola no teor da formação humana, caracteriza-se pela produção da linguagem como sistema simbólico, que torna possível a construção de referências culturais, o desenvolvimento cognitivo e a formação e circulação de valores; que as diversas formas de expressão dos educandos devem ser respeitadas em função da sua história de vida.

Atualmente, vivemos numa sociedade que é caracterizada por sua complexidade, e a escola é o local onde os fenômenos sociais e as diversas maneiras e concepções de vida social são trabalhados, analisados e discutidos nas diferentes disciplinas. Desse modo, o educador se vê diante de diferentes desafios, entre os quais, o de encontrar o meio termo entre o desafio à lógica disciplinar e a sistematização dos conteúdos. É necessário o diálogo entre as disciplinas, na construção dessa realidade.

Assim, na dinâmica do processo de escolarização, para atender a diversidade que constitui a Educação de Jovens e Adultos, vislumbramos o desenvolvimento das Oficinas, em que os sujeitos se expressam livremente, contribuindo para a ampliação da pesquisa e análise de suas percepções como meio de planejar com eles um ensino voltado às suas especificidades e demandas vivenciadas. É perceptível nesta fala:

“Ter a oportunidade de saber que devemos ser respeitados no nosso modo de viver, é muito importante para defender o nosso ponto de vista de agora por diante. Pois, diversidade para mim era apenas uma palavra bonita que eu ouvia falar, mas agora passa a ser uma palavra que me faz lembrar o quanto eu sou importante e como eu devo ser respeitado para respeitar. E cada um aqui tem de falar o que sabe, o que pensa e o que quer, para aprender mais”.

Rita

Nesta perspectiva, é necessário que o educador perceba os educandos como indivíduos que participam de uma sociedade, na qual a escola representa apenas uma de suas instâncias. Isso significa respeitar suas experiências de vida, seus valores culturais, sua linguagem, opiniões, pois, não existem saber mais ou saber menos, existem conhecimentos diversos. À escola não cabe desqualificar ou ignorar essas experiências, mas, tentar incorporá-las, a fim de que o educando perceba uma articulação da vida social com seu cotidiano e com as atividades escolares.

Quando abordamos na Oficina pedagógica 3, as necessidades de aprendizagens dos sujeitos e a relação com a Teoria da Atividade, indagando, quais os motivos que levam o sujeito à execução da ação; e os diferentes sentidos pessoais que a aprendizagem tem para o aluno; Foi notório o silêncio que se fez e em seguida algumas exposições.



As falas dos sujeitos, certamente nos levaram a compreender a aplicabilidade de atividades na EJA, como confirmação do que propõe a Teoria da Atividade. Evidentemente marcada pela fala que destacamos a seguir:

“Aqui na escola eu só faço a atividade quando eu me interessar e vejo que ela vai me ajudar no que faço ou vou aprender algo para fazer depois. Mas, nem sempre é o que acontece, às vezes estudamos um assunto que o professor diz que é importante, mas eu mesmo não sei pra que e nem onde vou precisar usar. Eu acho que nós já sabemos muitas coisas e que antes de estudar sobre um assunto, devia nos perguntar se nós queremos ou então fazer com que nós sentíssemos vontade de saber sobre, nos interessar, sabe.”

Luzia.

Neste estudo, compreendemos a escola como espaço que viabilize instigar no educando da EJA a capacidade de expressar e comunicar suas ideias, participar e interpretar as produções culturais, abrindo caminhos para que possamos intervir pelo uso do pensamento lógico, da criatividade e da análise crítica da diversidade e diferenças que se institui na EJA. Na escola deve haver uma integração do saber popular com o saber científico, construindo coletivamente as bases necessárias ao processo de escolarização. Como aborda Amorim (2007), “uma escola participativa, autônoma e plural”.

Este percurso da escolarização necessita garantir não apenas um currículo das especificidades no âmbito da diversidade que a constitui, mas incorporar também a contemplação de um Projeto Político Pedagógico que dimensione diferentes formas de problematizar em um espaço construtivo as necessidades, desejos e aspirações da realidade social e cultural em que vivem os sujeitos Jovens e Adultos. A aprendizagem é considerada uma atividade quando o aluno aprende para “saber”, isto é, quando a atividade satisfaz suas necessidades cognoscitivas. (TALÍZINA, 1985).

Podemos analisar a partir da fala acima salientada, que o sujeito só se interessa por estudar um assunto, quando o mesmo vislumbra possibilidade de usufruir dos conhecimentos que aprenderá para fazer uso no seu cotidiano, na sua vida. E, ainda, é possível perceber que ele deixa uma brecha, quando nos diz que se o professor conseguir fazer com que eles estabeleçam relação de suas vivências com o conteúdo a ser estudado, certamente irão aprender com significado.

Este processo é viabilizado pelas disciplinas que propiciam aos sujeitos da EJA o seu crescimento como cidadão consciente e crítico, como inserção social, política e compromisso



histórico, além do exercício cotidiano dos seus direitos, deveres, atitudes, condutas, como uma atitude de respeito às diversidades/especificidades, autoconfiança.

A Teoria da Atividade faz com que a aprendizagem seja significativa quando consegue estabelecer sentido com as vivências do sujeito e transforma suas ações, suas condutas, bem como transforma a realidade em que ele atua, articulando de modo efetivo a conjuntura da compreensão das especificidades dos sujeitos que constituem a Educação de Jovens e Adultos. Neste contexto, Leontiev (1989) considera a atividade humana como o processo que media a relação entre o ser humano (sujeito) e a realidade a ser transformada por ele (objeto da atividade). Essa relação é dialética, uma vez que não é só o objeto que se transforma, mas também, o sujeito.

Pensar na especificidade desses sujeitos é adentrar em um campo das suas trajetórias de vida que são marcadas pelas dificuldades e desafios, é articular um trabalho educativo que esteja voltado a atender as suas necessidades educacionais. Quem de fato está na EJA?

A EJA é campo de tensão e aprendizado em diferentes espaços de convivências, que contribuem para a formação de sujeitos históricos. Os sujeitos da EJA são: negros, brancos, indígenas, amarelos, mestiços, mulheres, homens, jovens, adultos, idosos, quilombolas, pantaneiros, ribeirinhos, pescadores, agricultores, origem rural ou urbana, vivendo em metrópoles, cidade pequena ou campo, livre ou privado de liberdade por estar em conflito com a lei, pessoas com necessidades educacionais especiais, todas elas constituem as singularidades do povo brasileiro, e necessariamente precisam permear os encaminhamentos, os planejamentos e implementações de políticas para a EJA. (FARIA, 2013, p.111).

Analisando as características dos Jovens e Adultos enquanto sujeitos de aprendizagem no teor da diversidade e especificidade que os constituem, os balanços da literatura mencionam que, até os anos de 1990, a maior parte das pesquisas sobre o tema tendeu a homogeneizar os sujeitos de aprendizagem, abstraindo sua diversidade e diluindo suas identidades singulares – de classe, geracionais, de gênero, étnicas, culturais ou territoriais – sob a condição e o rótulo genérico de “alunos” (HADDAD, 1987, 2002 apud DI PIERRO, 2005).

Seguindo nesta descontinuidade, nas especificidades desses sujeitos, é válido demarcar novamente, o enfoque que marca a EJA, restrita apenas ao processo de alfabetização, para a possível garantia de ingresso ou permanência no mercado de trabalho com vista na



contribuição do desenvolvimento econômico do país, desconsiderando a diversidade que constitui o itinerário percurso desses sujeitos.

[...] Desconhecer a diversidade faz com que toda e qualquer situação que não esteja dentro de um padrão previsto seja tratada como problema do aluno, e não como desafio para a equipe escolar. Reconhecer a diversidade e buscar formas de acolhimento requer, por parte da equipe escolar, disponibilidade, informações, discussões, reflexões e algumas vezes ajuda externa de outros profissionais. [...] A falta de disponibilidade ou de condições para considerar a diversidade dos alunos pode levar ao chamado fracasso escolar, afetando os aspectos moral, afetivo e social que acompanharão essas pessoas por toda a vida. (BRASIL, 2002, p.88).

Embora, ainda timidamente, tem vigorado vertentes, de movimentos de emergência que reivindicam o reconhecimento cultural e plural de identidades sociais singulares de (mulheres, negros, jovens, indígenas, sem-terra), ao lado da difusão do pensamento de autores orientados ao interculturalismo favorecendo assim, o reconhecimento da diversidade dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

Neste contexto, ainda que estejamos amparadas (os) por este movimento de interlocução da diversidade na EJA, é válido salientar que esta modalidade de ensino ainda carrega fortes marcas da homogeneização vigente.

Ao dirigir o olhar para a falta de experiência e conhecimento escolar dos Jovens e Adultos, a concepção compensatória nutre visões preconceituosas que subestimam os alunos, dificulta que os professores valorizem a cultura popular e reconheçam os conhecimentos adquiridos pelos educandos no convívio social e no trabalho. (DI PIERRO, 2005, p. 10)

Assim, seguimos na compreensão que especificidade na EJA é de fato trabalhar na diversidade de contexto histórico e cultural em seu processo formativo, e não na descontextualização de seu convívio social e cultural. O processo educativo na EJA, vigora por uma função de engajamento social na vida dos sujeitos, na valorização de diferentes espaços em que o sujeito esteja inserido, e, isso tem respaldo no currículo.

O currículo sistematizado na EJA deve permear uma construção singular, socialmente referenciada, uma EJA cidadã, voltada ao mundo do trabalho, e também da cultura, política da diversidade, um currículo do debate que se objetiva no processo democrático, onde devemos como afirma Macedo (2013), ter atores e atrizes curriculantes. E, nesta proposição de curriculantes na EJA, atravessar práticas pedagógicas que coadunem com a relação de gênero e sexualidade, enfatiza Silva (1999, p. 27):



[...] o currículo também produz e organiza identidades culturais, de gênero, identidades raciais, sexuais. Dessa perspectiva, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimento. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz.

Assim, adotamos para esta pesquisa a concepção do currículo da ressignificação, da produção do saber em contexto histórico social e cultural. Tendo em vista que, embora, estejamos constituindo uma crescente ampliação e visibilidade na EJA, em veemência das práticas educativas, em campos consolidados de estudos e pesquisas, ainda vigora timidamente demandas efetivas de pesquisas e estudos que coloquem estes sujeitos no centro, dos trabalhos educativos.

Desse modo, é imprescindível trabalhar a consistência de estudos, que tomem por referência as especificidades da EJA, trabalhos com os sujeitos e não meramente para estes sujeitos. Questões que tratem da diversidade, raça, etnia, cultura, diversidade de saberes que atravessam seu contexto social, cultural e político, pois, ainda são tratadas muito timidamente nas práticas educativas.

Portanto, Leontiev (1989) define a educação como um processo de internalização e também de apropriação da cultura produzida historicamente pelo sujeito na sociedade. Nesse sentido, vimos a escola como importante via de possibilidades na qual o jovem e o adulto experimenta um conjunto de vivências diferenciadas do cotidiano, apropriando do conhecimento científico. Para tanto, é preciso organizar situações de ensino-aprendizagem em que as situações sejam adequadas ao conceito, visto que o conhecimento é espontâneo e científico, em sua relação com a realidade.

Do mesmo modo, Jane Paiva (2006) ressalva que as redes de conhecimento são tecidas e midiaticadas por todas as experiências que vivemos e de todos os modos como nos inserimos no mundo à nossa volta. Por isso, não tendo nenhuma previsibilidade, nem obrigatoriedade de caminho. Assim, entendemos que especificamente na EJA, apenas dizer algo a alguém não provoca aprendizagem e nem conhecimento, a menos que aquilo que seja dito possa entrar em conexão com os interesses, crenças, valores ou saberes daquele que escuta.



ALFAEJA
III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

Originado desta abertura no campo de estudos da Teoria da Atividade e pesquisas, validamos em nosso trabalho, um ousado empreendimento da constituição dos sujeitos em um processo plural e também permanente em seu processo de construção da aprendizagem. No entanto, não consideramos somente um processo no qual os sujeitos participem como meros receptores, mas, neste processo de pesquisa legitimamos um trabalho das construções do conceito de diversidade na EJA, norteando a aplicabilidade da Teoria proposta por Leontiev, sendo a atividade resultada de todas as influências sociais e um processo essencial na formação da personalidade na formação humana.



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. Diálogos da educação de jovens e adultos. In: SOARES, Léoncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

AMORIM, Antonio. **Escola: uma instituição social complexa e plural**. São Paulo: Vieira, 2007.

BRASIL. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série**: Secretaria de Educação Fundamental, v.3, 2002.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

FERREIRA, M. S. Pesquisa e processos de formação. **Livro do XII Colóquio secção portuguesa da AFIRSE**. Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, 2002.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 46ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HADDAD, Sergio. (Coord.). Ensino supletivo no Brasil: estado de arte. Brasília, DF: REDUC, 1987 apud DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1.115-1.139, Ed. Especial, out. 2005.

LEONTIEV, A. N. El problema de la actividad em la psicologia. In: Colectivo de Autores. **Temas sobre la actividad y la comunicación. Psicología Social**. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1989, p. 259-298.

MACEDO, Roberto Sidnei. ATOS DE CURRÍCULOS: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2013.

NUÑEZ, Isauro Beltrán. Vygotsky, Leontiev e Galperin: formação de conceitos e princípios didáticos. Brasília: Liber Livro, 2009.

PAIVA, Jane. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, set/dez, p. 519-538, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TALÍZINA, N.F. **Conferencias sobre los fundamentos de la enseñanza en la Educación Superior**. La Habana: Editado por el CEPES, 1985.